

# EXPERIÊNCIAS LOCAIS E TRANSFORMAÇÕES SOCIETAIS

30 OUT. 10h | COOLABORA | COVILHÃ

## Resumo dos desafios futuros apontados pelo Prof. João Ferrão

### 1. Coisas em comum e complementaridades entre os dois projetos

As duas apresentações - dos projetos PRESECAL e Alternativas - têm em comum o essencial:

- Abordam a necessidade da transformação social e o papel da experimentação nesta transformação social;
- Abordam também a ideia de que a transformação social não é neutra e que, por isso, não pode ser desligada de uma discussão sobre os valores que a sustentam, as relações de poder e sobre os seus fins.

As duas apresentações também se complementam de forma muito interessante:

- A apresentação do PRESECAL falou de práticas e a do Alternativas falou de narrativas que agregam um conjunto de práticas;
- A apresentação do PRESECAL falou de economia e a do Alternativas falou de Educação para a Cidadania Global, o que inclui a questão da economia, mas vai mais além da economia de mercado.
- Na apresentação do PRESECAL a pessoa está no centro e na Carta Aberta que o Alternativas apresentou fala-se de uma visão pós-antropocêntrica, onde conta o ser humano, o planeta e a vida no seu todo.

As duas apresentações também nos interpelam sobre a questão das normatividades destas iniciativas que não são impostas, mas que estão implícitas. Estas normatividades deveriam ser trazidas mais ao de cima, não a partir da teoria, mas da prática dos contextos.

### 2. Tensão e/ou dialética entre Utopia e Urgência nas iniciativas

A Utopia remete-nos para um futuro desejado que as iniciativas pretendem antecipar e a Urgência diária foca-nos na resposta a necessidades e prioridades. As espaço-temporalidades de uma e de outra não são as mesmas. A Urgência restringe-nos este pensamento com um horizonte estratégico mais longo. Mas seria interessante entre a Utopia e a Urgência se estabelecesse uma tensão dialética, onde as duas se alimentam reciprocamente, mas uma não deveria ignorar a outra.

# EXPERIÊNCIAS LOCAIS E TRANSFORMAÇÕES SOCIETAIS

## 30 OUT. 10h | COOLABORA | COVILHÃ

### 3. Crítica ao paradigma moderno

O capitalismo pode ser entendido sob um modelo de desenvolvimento de crescimento, mas de forma mais ampla, os modelos de desenvolvimento estão dentro de um chapéu maior que é o paradigma moderno. Este paradigma moderno baseia-se na ideia do progresso, da racionalidade, do papel da teoria, dos direitos individuais, das dicotomias de conceitos. Ir além do capitalismo, da racionalidade moderna, tecnocrática, é algo que pode ser encontrado em várias das iniciativas alternativas. Dependendo do tipo de iniciativa termos focos diversos: umas pretendem ir além do capitalismo, outras pretendem ir além da racionalidade moderna.

### 4. O contexto macro de crise como potenciador de iniciativas

Se retomarmos a tipologia apontada pelo projeto PRESECAL das alternativas ao capitalismo, vemos que temos iniciativas anticapitalistas (oposição), neocapitalistas (transformação) e pós-capitalistas (superação). Contudo, se não olharmos para as alternativas apenas pela perspetiva económica, mas também de cidadania, podemos antes ver iniciativas de *resistência*, de *reformismo* e de *disrupção*. E vemos também que estas 3 tipologias coexistem.

Os 2 projetos viram que a maioria das iniciativas emergiram no período da crise, não numa lógica de sobrevivência, mas por outras razões. O contexto macro de crise, de falência de um sistema, abre portas para se pensar outros futuros idealizados, revelando ser um macro-contexto mais favorável para as alternativas. Contudo, não podemos ficar reféns deste contexto. Quem está no terreno, nas universidades, nas vivências e experiências têm uma responsabilidade importante de manter a chama viva das alternativas para além destes macro-contextos.

### 5. Favorecer o local combatendo ferozmente o localismo

A intervenção local tem muitas vantagens: desde o nível da mobilização, ao conhecimento à interação pessoal. Mas problemas globais exigem soluções globais. Ao nível local, a capacidade de intervenção do ponto de vista dos seus impactos é sempre limitada. Existe uma dificuldade em produzir métricas que meçam os impactos deste tipo de iniciativas que são diferidas no tempo e muito longas, e subterrâneas. É importante sabermos utilizar a linguagem *mainstream* - da eficácia, eficiência - indo além delas, para fazer ver como estas intervenções são importantes.

# EXPERIÊNCIAS LOCAIS E TRANSFORMAÇÕES SOCIETAIS

## 30 OUT. 10h | COOLABORA | COVILHÃ

### 6. A geografia dos sintomas dos problemas, das suas causas e soluções

Se pegarmos numa qualquer realidade social, vemos que a geografia dos sintomas, das suas causas e soluções não é a mesma. É necessário caminharmos para uma visão multi-escalar que é complexa e que exige organização em rede e outras exigências que, em muitos casos, vão além das capacidades destas iniciativas. É importante pensarmos do ponto de vista das alianças estratégicas que, ao nível das práticas e dos atores dessas práticas, devem ser desenvolvidas. As organizações de âmbito local só ganham força mais genérica quando se organizam em rede e a nível translocal. Um exemplo a conhecer é o do projeto Reclaim Europe, dinamizado pela Friedrich Ebert Stiftung - <https://fes-portugal.org/reclaim-europe/>.

### 7. A informalidade e os seus limites

Os movimento sociais e as iniciativas alternativas atuam dentro de circunstâncias muito limitativas. A natureza informal destas iniciativas tem limites ou não? Introduz limitações ou não? Informalidade pode ser sinal de descontinuidade, dificuldade de durabilidade e inconstância. Por isso tem custos. E esta tensão entre a formalidade ou a informação é complexa. Nalguns casos, e dependendo dos objetivos das iniciativas, a informalidade transforma-se numa bolha que evita que as iniciativas sejam contaminadas pelo exterior. Contudo, a informalidade organizada tem capacidade de influência e de diálogo com componentes mais estruturadas da administração. Se a informalidade se fecha sobre a informalidade dando-se apenas com outros informais, há uma limitação.

### 8. A dicotomia de conceitos como marca do pensamento moderno

A leitura através de conceitos dicotómicos como norte/sul, urbano/rural, interior/litoral é uma marca da nossa racionalidade moderna. Muitas vezes para tentarmos fugir a estas dicotomias encontram-se categorias intermédias, mas estas mantêm os extremos e do ponto de vista reflexivo limitam-nos muito. Como alternativa podemos começar a pensar o território como algo relacional, que coloca em relação comunidade, uma realidade ecológica e uma realidade económica. A maior parte das soluções modernas cortam constantemente este triângulo relacional, ou anulando a comunidade, ou anulando a ecologia ou anulando um certo tipo de economia a favor de outro. Nós últimos anos, temos visto o pólo económico a destruir as comunidades e a ecologia. Estas relações são inseparáveis entre si.

# EXPERIÊNCIAS LOCAIS E TRANSFORMAÇÕES SOCIETAIS

## 30 OUT. 10h | COOLABORA | COVILHÃ

### 9. Desafio de rever a Carta Aberta para a Transformação Social à luz desta visão do território como relação entre 3 pólos e explicitar as nossas normatividades

A ideia de vida, no seu sentido mais profundo, é o que dá sentido a um triângulo relacional justo e sustentável entre comunidade, ecologia e economia em que nenhum dos pólos destrói o outro. Hoje em dia, o pólo destruidor é o de uma certa economia que é a mais forte. Deveríamos então rever a Carta Aberta apresentada para incluir esta visão.

Por outro lado, não deveríamos ter vergonha de tornar mais explícita a normatividade que está por detrás das nossas iniciativas. Mais do que uma normatividade de lista - listas de direitos, de princípios - devemos conseguir explicitar qual o futuro desejado que procuramos, porquê e para quem. A ideia de futuro desejado tem de ser construída coletivamente, sendo para tal essencial explicitar de forma simples e que as pessoas percebam, estas normatividades. Temos que fazer entender que não estamos apenas a reagir ou a discutir contra, mas estamos a tentar construir uma outra economia, outra sociedade, uma nova relação entre comunidade-ecologia-economia em função do que consideramos que esta deve ser.